



Cultura, Cidadania e Políticas Públicas 2

Alvaro Daniel Costa
(Organizador)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Alvaro Daniel Costa

(Organizador)

Cultura, Cidadania
e Políticas Públicas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Cultura, cidadania e políticas públicas 2 [recurso eletrônico] /
Organizador Alvaro Daniel Costa. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-078-0

DOI 10.22533/at.ed.780192501

1. Educação – Brasil. 2. Cidadania. 3. Políticas públicas –
Educação. 4. Prática de ensino. 5. Professores – Formação. I. Costa,
Alvaro Daniel.

CDD 323.6

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Cultura , Cidadania e Políticas Públicas”* possui uma série de 84 artigos que abordam os mais variados temas nas áreas relacionadas a área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Educação.

O volume I é intitulado “cultura, políticas públicas e sociais” e mostra a diversidade de análises científicas em assuntos que vão desde uma análise sociocultural perpassando pelas questões socioeconômicas da sociedade brasileira e latino-americana.

Já o volume II intitulado *“educação, inclusão e cidadania- práticas pedagógicas na cultura educacional”* é inteiro dedicado a área educacional, com textos de pesquisadores que falam sobre uma educação inclusiva em assuntos como autismo, formação profissional nas mais diversas áreas dentro do espectro educativo, além de uma análise sobre os impactos da reforma do ensino médio e sobre lo direito fundamental à educação.

No terceiro volume o assunto é no que tange as *“práticas educacionais, mídia e relação com as políticas públicas e cidadania”* sendo esse volume uma continuidade dos artigos da parte II com artigos que falam sobre práticas pedagógicas, além de textos que trazem sobre assuntos da área comunicacional.

A quarta e última parte é intitulada *“cultura, literatura, educação e políticas públicas- questões multidisciplinares”* e possui uma versatilidade temática que vai da área literária e novamente sobre algumas práticas pedagógicas.

A grande diversidade de artigos deste livro demonstra a importância da análise de temas que dialogam com as práticas de políticas públicas, sejam através da área educacional, comunicação ou aquelas que analisam a sociedade a partir de um viés histórico, cultural ou até mesmo econômico.

Boa leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO	
Isabela Alves Daudt	
DOI 10.22533/at.ed.7801925011	
CAPÍTULO 2	9
OS IMPACTOS DA ATUAL REFORMA DO ENSINO MÉDIO, DECRETO-LEI Nº 13.415/17, NA FORMAÇÃO DOS JOVENS DE BAIXA RENDA E MINORIAS ÉTNICAS	
Luciana Vieira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925012	
CAPÍTULO 3	18
O AFRONTA VAI À ESCOLA - PROJETO AFRONTANDO SEU CONHECIMENTO	
Elias Csta de Oliveira	
Kelara Menezes da Silva	
Sérgio Marques da Silva	
Vanderson Visca Duarte	
Julio Ricardo Quevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7801925013	
CAPÍTULO 4	26
AS CRIANÇAS E AS ARTES VISUAIS: O AUTORRETRATO E A IDENTIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Bianca Cristina da Silva Trindade	
Renato Noguera	
DOI 10.22533/at.ed.7801925014	
CAPÍTULO 5	38
CURRÍCULO AFROCENTRADO E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: A CULTURA AFRO-BRASILEIRA DENTRO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Juliana Trajano dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925015	
CAPÍTULO 6	51
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS PRÁTICAS DE EXCLUSÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Sabrina Araujo de Almeida	
Bruno Viviani dos Santos	
Pedro Humberto Faria Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7801925016	
CAPÍTULO 7	62
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA: UMA PESQUISA NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES- RJ	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Thamires Gomes da Silva Amaral	
Franciele Ramos da Costa Silva	
Nadir Francisca Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.7801925017	

CAPÍTULO 8	72
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA REDE REGULAR DE ENSINO	
Sandra Lia de Oliveira Neves	
DOI 10.22533/at.ed.7801925018	
CAPÍTULO 9	82
PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO NA ESCOLA INCLUSIVA: SUPORTE DE ACESSIBILIDADE	
Maria Piedade Stelito Sabino	
Edicléa Mascarenhas Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.7801925019	
CAPÍTULO 10	85
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO E A MEDIAÇÃO DIDÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR	
Rafaella César dos Santos Sousa	
Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.78019250110	
CAPÍTULO 11	101
AFETIVIDADES EM WALLON E AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM SÃO GONÇALO - RJ	
Lucas Salgueiro Lopes	
Arthur Vianna Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250111	
CAPÍTULO 12	119
O TRABALHO DO PROFESSOR DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS EM ESCOLAS DA BAIXADA FLUMINENSE	
Ana Paula de Carvalho Machado Pacheco	
Helenice Maia Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.78019250112	
CAPÍTULO 13	128
A EDUCAÇÃO ESCOLAR DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA LEGISLAÇÃO NACIONAL	
Joana da Rocha Moreira	
Alan Rocha Damasceno	
DOI 10.22533/at.ed.78019250113	
CAPÍTULO 14	146
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA NA INCLUSÃO ESCOLAR	
Ana Luiza Barcelos Ribeiro	
Andréa Leonardo de Freitas Pereira	
Lucy Caldeira Gobeti	
Bianka Pires André	
DOI 10.22533/at.ed.78019250114	

CAPÍTULO 15	154
TEMPO COMUNIDADE - ESPAÇOTEMPO POTENCIALIZADOR DE EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO	
Francisca Marli Rodrigues de Andrade Letícia Pereira Mendes Nogueira Marcela Pereira Mendes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.78019250115	
CAPÍTULO 16	162
REFLEXÕES SOBRE ESTUDOS E PESQUISAS NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA	
Bárbara Braga Wepler Mário José Missaglia Junior	
DOI 10.22533/at.ed.78019250116	
CAPÍTULO 17	173
DA UNIVERSIDADE À ESCOLA: A INDUÇÃO PROFISSIONAL DE ESTAGIÁRIOS DE EDUCAÇÃO	
Vitor Alexandre Rabelo de Almeida Tatiane de Lima Bessa Vieira Elizângela Cely	
DOI 10.22533/at.ed.78019250117	
CAPÍTULO 18	182
FORMAÇÃO INICIAL DE EDUCADORES PARA A EJA: CONTRIBUIÇÕES EM UM CURSO DE PEDAGOGIA	
Jaqueline Luzia da Silva Janahina de Oliveira Batista Jussara Soares Campos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.78019250118	
CAPÍTULO 19	193
CORPO, CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE AS CLASSES DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA REDE MUNICIPAL DE NITERÓI	
Samuel Barreto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78019250119	
CAPÍTULO 20	204
ENSINO POR PROJETOS COMO POLÍTICA PÚBLICA: ABERTURA PARA OUTROS SENTIDOS DO TRABALHO ESCOLAR?	
Mónica Rocío Barón Montaña	
DOI 10.22533/at.ed.78019250120	
CAPÍTULO 21	220
A GINÁSTICA COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL 1 E COMO POSSIBILIDADE PARA COMBATER PRECONCEITOS	
Poliane Gaspar de Cerqueira	
DOI 10.22533/at.ed.78019250121	

CAPÍTULO 22 229

MENOS ESCOLAS, MAIS CADEIAS? QUANDO UMA IMAGEM SUSCITA MAIS QUE MIL PALAVRAS

Stephane Silva de Araujo

Maria Cecilia Lorea Leite

DOI 10.22533/at.ed.78019250122

SOBRE O ORGANIZADOR..... 241

AS CRIANÇAS E AS ARTES VISUAIS: O AUTORRETRATO E A IDENTIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bianca Cristina da Silva Trindade

Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Especialista em Diversidade Étnico - Racial e Educação Superior a Brasileira pela UFRRJ. Pós- graduanda em Ensino de Artes Visuais – EAD (Colégio Pedro II). Graduada em Pedagogia – Licenciatura pela UNIABEU Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Salgado de Oliveira. Estudante do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin)-UFRRJ

Renato Nogueira

Professor Associado do Departamento de Educação e Sociedade (DES), do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), e, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia(PPGFil) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro); coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin), doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO: Este trabalho é o resultado parcial de uma jornada de investigações, trata-se de uma parceria no contexto de um programa de

Pós- graduação em Educação, dentro do grupo de pesquisa Afrosin, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq). Os nossos investimentos intelectuais repousam sobre demandas dos estudos da infância, aqui especificamente da Educação Infantil, ao lado da temática das relações étnico-raciais associada ao ensino de Artes Visuais. É dentro desse contexto geral que nos associamos às leituras de Maria Aparecida Bento (2012), Eliane Cavalleiro (2010), Stuart Hall (2000, 2005) e da Legislação educacional brasileira antirracista (2004; 2008); entre outros teóricos, que contribuem com o fortalecimento da identidade racial.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, Artes Visuais, Autorretrato, Identidade Racial.

ABSTRACT: This work is the partial result of a research day, it is a partnership in the context of a postgraduate program in Education, within the research group Afrosin, Federal Rural University of Rio de Janeiro, linked to the National Council of Scientific Research (CNPq). Our intellectual investments rest on the demands of childhood studies, specifically on Early Childhood Education, alongside the theme of ethnic-racial relations associated with the teaching of Visual Arts. It is within this general context that we associate ourselves with the readings of

Maria Aparecida Bento (2012), Eliane Cavalleiro (2010), Stuart Hall (2000, 2005) and Brazilian antiracist educational legislation (2004; among other theorists, who contribute to the strengthening of racial identity.

KEYWORDS: Child, Visual Arts, Self-Portrait, Racial Identity.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertenço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência. (Walter Benjamin)

Nós estamos de acordo com Walter Benjamin (2002), a criança mergulha no livro, entranhas ilustrações, anda por entre as gravuras e vivencia a experiência das páginas da literatura e traços do desenho de forma intensa. Nós também concordamos com resultados das pesquisas de Eliane Cavalleiro (2010) que denunciou o silêncio acerca do racismo na educação infantil, pontuando como o silêncio acerca da discriminação racial na escola precisa ser combatido veementemente. Afinal, “um primeiro elemento importante a considerar, quando pensamos no desenvolvimento da identidade da criança pequena, diz respeito aos efeitos da desigualdade racial na educação infantil” (BENTO, 2012, p. 100).

Partindo dessas premissas e diante do problema da discriminação racial vivenciada por crianças negras no contexto da educação infantil, aventamos uma hipótese: a presença das artes visuais na Educação Infantil (BRASIL, 1998; BRASIL, 2010) pode contribuir para construção da identidade negra, à medida que incorpore as determinações legais que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) e Plano Nacional de Implementação das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2008).

Esse trabalho reflete três meses de aulas em 2017, usando o autorretrato como estratégia das Artes Visuais para observar a impressão que crianças da Educação Infantil (04 anos). De início, nossas interrogações eram a respeito do que as crianças pensavam sobre racismo e como dar visibilidade para as tensões no contexto das salas de educação infantil. As crianças envolvidas na pesquisa são alunos de uma escola pública, situada especificamente na Zona Oeste no Rio de Janeiro. Neste contexto, o nosso intuito com a pesquisa de campo ainda em fase preliminar, seria verificar a existência do racismo na educação infantil, partindo do diálogo com as Artes Visuais, o estudo se dedica a promover os encontros das crianças pequenas com Artes na educação escola da infância. Posteriormente, teço uma narrativa contínua, busco conhecer as crianças.

O AUTORRETRATO, MITOS E POSSIBILIDADES

Dentre as diversas formas de interpretarmos esse exercício artístico, fazemos coro com “o autorretrato é o espelho do artista” (CANTON, 2001, p.68). Ora, ao falarmos de espelho podemos operar através de vários signos míticos, dentre os quais cabe aqui destacar: Narciso e Oxum. De um lado, uma certa “obsessão” pela própria imagem e, por outro, uma imagem presente que não pode se desvencilhar do passado.

O mito de Narciso é bastante conhecido. O nome da personagem passou a integrar formalmente o campo da psicanálise. O conceito de “narcisismo” foi desenvolvido pelo pai da psicanálise Sigmund Freud. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, livro publicado em 1914, em linhas gerais, o médico esclarece que o chamado investimento libidinal pode se direcionar para o próprio ego ou para outros objetos. O narcisismo diz respeito à ação de uma pessoa lançar seu “desejo” sobre si mesma. Freud ainda fala de narcisismos primário e secundário. No senso comum, não é raro que o conceito de narcisismo assuma caráter negativo; uma pessoa narcisista pode até ser vista como alguém que não consegue enxergar outras pessoas além de si (NOGUERA, 2017, p.52).

A partir da obrigatoriedade de conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as narrativas culturais e míticas da África devem fazer parte do currículo. Daí, o universo iorubá bastante popular na base de diversas manifestações religiosas afro-brasileiras tornar-se uma possibilidade a ser explorada. Se Narciso é um personagem popular da mitologia grega que estabelece uma relação com espelho que passou da metáfora para uma categoria analítica psicanalítica muito importante; no campo da mitologia iorubá, encontramos o espelho de Oxum como uma categoria relevante para enfrentarmos o tema da identidade. Nossa conjectura é de que o autorretrato pode se inspirar no mito iorubá de Oxum, no qual a divindade feminina usa o espelho para ver o que está atrás dela, seu passado, as circunstâncias, os desafios e, a partir do contexto, olha para si mesma. Diferente de Narciso, Oxum não usa o espelho para refletir somente sua imagem. No mito, “Ela usou o espelho para refletir sobre o que estava ao seu redor. Assim, descobriu e se livrou dos perigos que a rondavam. Em outras palavras, o espelho deve ser um instrumento de intervenção na realidade” (NOGUERA, 2017, p. 93). Pois bem, partindo de algumas injunções legais que apresentaremos adiante, nossa hipótese é de que: o autorretrato funciona tanto como um elemento de diagnóstico e ferramenta de trabalho na construção de identidades negras positivas.

Diante de um conjunto de demandas legais que passam pela leitura conjugada do *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998)*, das *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010)* e das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004)* e *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2008)* temos subsídios para interpretar as Artes Visuais como área ativa na Educação

Infantil para “valorizar a história, a cultura, a identidade e as contribuições dos afrodescendentes” (BRASIL, 2008, p.40).

Conforme os documentos legais, a presença das Artes Visuais na Educação Infantil devem contemplar três aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão (BRASIL, 1998, p.89) e contribuir para construção de “novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com (...) rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial” (BRASIL, 2010, p. 17). No terreno das Artes Visuais, “autorretrato é um subgênero do retrato e pode ser definido como uma imagem representativa da individualidade de seu autor; assim como o retrato genérico, busca revelar particularidades do retratado” (RAUEN; MOMOLI, 2015, p.56).

A orientação da pesquisa foi justamente lançar mão do autorretrato como um exercício para dialogar com as crianças sobre a percepção delas a respeito de si mesmas. Enquanto gênero artístico, o autorretrato pode funcionar como maneira de desenvolver a sensibilidade e o olhar sobre a autoimagem, constituindo numa maneira de ajudar a refletir sobre a identidade em diversos aspectos. Afinal, o autorretrato é uma expressão tanto da aparência física quanto psicológica da criança, onde é retratado aquilo que ela acredita demarcar mais a sua personalidade em seus diversos aspectos, merecendo aqui destaque para as identidades étnico-raciais.

Nossa leitura é de tomar o autorretrato como uma estratégia para conhecer as crianças, o que elas pensam sobre a realidade, suas ações e atitudes, sua visão da realidade e do mundo, as suas relações sócio- culturais. Como proposta metodológica para essa pesquisa de campo, foi utilizada o desenho das crianças, Segundo Iavelberg, “Desenhar não é uma questão de dom. O desenho praticado desde a Educação Infantil pode abrir um mundo novo de experiências simbólicas que expandem a imaginação, a expressão e a capacidade criadora”. (IAVELBERG, 2015, p.). Nesta trama, percebemos que o desenho expande a imaginação e cria oportunidades, eles utilizam-se dos sentidos, para ler imagens, imaginar, perceber, experimentar e criar. Segundo **Rosa Iavelberg, educadora, autora do livro *Desenho na Educação Infantil* fala sobre uma perspectiva crítica no processo de aprendizagem do desenho na infância.**

Cada criança dialoga com seu desenho e com o dos colegas e, nas situações educativas, mostra interesse por aprender de modo compartilhado transformando níveis de menos saber desenhista para outros de mais saber, alcançados em múltiplas interações, não apenas do desenhista com sua própria produção e com a de seus pares, mas também com a produção sócio-histórica de desenhos feitos por artistas.(IAVELBERG,2015)

Rosa Iavelberg reitera que o desenho das crianças viabiliza um diálogo constante entre elas e com o mundo, criando possibilidades de pensarmos muito além das imagens. De qualquer forma é muito importante registrar que o início da pesquisa de campo não foi fácil. As recomendações acordadas durante o processo de estabelecimento da metodologia descartou entrevistas. Nós estávamos cientes de que perguntas diretas podem dificultar uma escuta, à medida que as crianças tendem a querer responder o que pessoas adultas “querem” ouvir, isto é, o que elas supõe

ser uma resposta mais adequada aos interesses adultos (ROCHA, 2008). Daí, a preocupação era com a reação das crianças **não ser espontânea e a pesquisa ficar prejudicada. Essas** dúvidas giravam em torno de como fazer as crianças falarem sobre suas identidades étnico-raciais, o que transformou o desenho numa aposta. A aproximação para a pesquisa foi muito boa, ainda mais tendo o desenho como ferramenta. Nós podemos dizer que foi inesquecível! Porque as crianças foram muito participativas e mostraram muito interesse em fazer autorretratos. A estrutura dos encontros contou com a participação de 25 crianças na faixa etária de 04 anos. Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos num diário de campo, existem também algumas imagens fotográficas das atividades. O único registro escrito feito pelas crianças são os seus nomes, o que não foi feito por todas as crianças, apenas algumas escreveram seus nomes – o que não é problema, visto que na Educação Infantil, a alfabetização **não é uma das metas**.

AS IDENTIDADES (ÉTNICO-RACIAIS) DAS CRIANÇAS (NO AUTORRETRATO)

Maria Aparecida Silva Bento (2012) organizou um belo trabalho, reunindo diversas autoras e autores num esforço de conjugar Educação Infantil e o campo das relações étnico-raciais. Num dos capítulos do livro intitulado Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais encontramos um estudo sobre identidade étnico-racial na educação infantil. Nós estamos de acordo com a revisão bibliográfica que inclui nomes como os de

Fazendo uma revisão bibliográfica de estudos sobre identidade racial na educação infantil (CARTER & GOODWIN, 1994; CAVALLEIRO, 2003; DIAS, 1997 E 2007; FAZZI, 2004; GODOY, 1996; TRINIDAD, 2011), constatamos que algumas afirmações se repetem:

A primeira questão objetiva ocorre quando o assunto são as identidades das crianças negras na sociedade brasileira. Esse tema pode ser formulado com base na ideia simples de que: a escolha das crianças para se identificarem ou desidentificarem passa pela socialização feita num mundo estruturalmente racista. Numa ligeira revisão bibliográfica, ou ainda, se fizéssemos um estado da arte do assunto nas teses de Eliane Cavalleiro (2003) e de Cristina Teodoro Trinidad (2011) encontramos possibilidades de articulação interessantes.

A autoidentificação (ABOUD, 1987) é um dos primeiros passos para pensarmos a questão da identidade. A identificação a um grupo étnico e/ou racial passa pela percepção de que uma pessoa possui alguns atributos fenotípicos e/ou culturais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, religiosidade, língua, sotaques, etc. É diante desse complexo que estabelece identificações de um sujeito que postulam-se as bases das identidades. Conforme análises feitas por Maria Aparecida Bento, uma incursão acerca dos estudos sobre identidade de crianças negras possui alguns elementos básicos que aqui resumimos em dois enunciados: 1º) as crianças desde muito cedo

percebem diferença raciais, as maneiras como cada grupo é valorizado, interpretando de maneira hierarquizada a diversidade e em favor da branquitude como norma; 2º) crianças brancas estão normalmente confortáveis com sua identidade étnico-racial, enquanto as crianças negras declaram frequentemente situações mais constantes de desconforto e frequentemente o contexto escolar não enfrenta de modo consistente as situações de racismo e discriminação racial (BENTO, 2012, p. 101).

Pois bem, ainda que os resultados de diversos estudos continuem convergindo, as hipóteses de intervenção e enfrentamento dessa realidade não têm uma receita pronta e aqui sugerimos as Artes Visuais como uma maneira de realizar a sua função. Afinal, “A obra de arte nunca teve por função principal simplesmente representar, ilustrar ou narrar a realidade (...), duplica constantemente o próprio original, (...) na sua conjuração” (MBEMBE, 2014, p.290). A palavra “conjuração” pode ser interpretada como “evocação”, ainda que não sejam sinônimas. A partir dessas considerações do filósofo camaronês Achille Mbembe a arte é uma evocação, uma projeção, um projeto. Pois bem, o autorretrato como um subgênero da linguagem artística visual do retrato seria, em certa medida, menos uma fotografia no sentido restrito de uma representação figurativa do sujeito do que a sua conjuração, o seu projeto, ou ainda, o desejo de se tornar alguma coisa.

Em *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*, Rita de Cassia Frazi reúne uma série de estudos e diz que as crianças de 3 a 5 anos percebem que características fenotípicas negras estão associadas a baixo status social e pouco prestígio (FRAZZI, 2004). De onde, a tese pode ser formulada numa frase simples, “diante do racismo estrutural, as crianças negras não querem ser negras”. Vale à pena recorrer a alguns argumentos psicanalíticos, ainda que de modo panorâmico. Em termos psicanalíticos: o ego é como se fosse um cavaleiro tentando controlar um cavalo selvagem (*id*) sob as ordens de um professor de equitação (superego) (FREUD, 1996). Em outras palavras, o ego é o terreno onde a identidade se ergue. O argumento psicanalítico de Neusa Santos Souza (1983) de que as pessoas negras são impelidas a assumir o ego branco e negar o ego negro ajuda a entender porque a identidade das crianças negras, assim como das brancas, fica comprometida. “Ambas as identidades, a da criança negra e a da criança branca, ficam alteradas” (BENTO, 2012, p.111). Pois bem, o desenho do autorretrato pode funcionar como uma maneira de conhecimento das projeções, das evocações que as crianças fazem sobre si mesmas no contexto das relações étnico-raciais. Deste modo, Eliane Cavalleiro (2003), também destaca:

A Pré escola oferece uma quantidade muito ínfima de ações que levam a entender a aceitação positiva e valorizada das crianças negras no seu cotidiano, o que ameaça a convivência em pleno processo de socialização, ressalta que se torna difícil não perguntar por que o professor se omite em relação ao problema étnico. Silenciar essa realidade não apaga magicamente as diferenças. Permite, porém, que cada um construa a seu modo, um entendimento do outro que lhe é diferente.

Essas situações demonstram o quanto nossas crianças negras encontram-

se desprotegidas. Cavalleiro(2003), ao expor o problema, a educadora revela a insignificância de ações, e propostas que trabalhem o Étnico-racial na pré-escola, e cita a importância delas para as relações sociais na escola. Deste modo, é importante ressaltar que, “identidade refere-se também à cidadania, ao direito ao bem-estar e à saúde plena” (BENTO,2012,p.99). Portanto, ao trilhar este caminho da visualidade com as crianças, através das Artes Visuais, com os desenhos do autorretrato, percebo uma oportunidade de provocar imagetivamente as crianças da Educação Infantil. E propor esses diálogos com as crianças –Perceber e descobrir como essas se reconhecem racialmente? Em contrapartida esse conhecer pode fazer com que respeitar aos seus pares, “poderão” contribuir para diminuir índices de desigualdades raciais na educação brasileira.

Nesse processo, MUNANGA(1994, p.08), “A falta de reconhecimento da identidade não apenas revela o esquecimento do respeito normalmente devido. Ela pode infligir uma ferida cruel ao oprimir suas vítimas de um ódio de si paralisante”. As relações raciais no cotidiano escolar devem ser trabalhadas, principalmente na educação infantil, onde essas se relacionam e se percebem o tempo todo. Por isso, para o educador seria importante aproveitar essas relações estabelecidas em sala de aula, entre as crianças brancas e as crianças negras e com práticas pedagógicas que, evidencie o auto-conhecimento, a valorização da raça e um bom relacionamento entre elas.

Diante disso, Trinidad(2011), reforça que a Educação Infantil é o primeiro recinto institucionalizado a que a criança tem acesso, isso significa que ela passa a conviver em novos coletivos e, por isso, precisa ter oportunidade para aprender as regras para essa convivência pautada no respeito por si e pelo outro. A escola é, e sempre será um espaço de contínuo de construções. Educar as crianças para a realidade racial é preciso.

Como pesquisadora, observo o momento em que se desenham, o ato das crianças em autorretratar- se constituem um momento privilegiado de encantamento, e descobertas de si mesmo, percebem suas expressões no espelho, características físicas, essas recebem sua própria imagem, e ao retratar as suas particularidades essas refletem traços de sua identidade.

Este artigo como já foi supracitado, tem o intuito de promover encontros, e por falar em encontros com as crianças, para alinhar esta construção, neste momento apresento alguns recortes da minha pesquisa de campo, e traço juntamente com estas algumas impressões sobre o assunto. As crianças foram desafiadas a produzir o seu autorretrato, para isso, recebem um pequeno espelho ao qual se observam e constroem a suas imagens.

No entanto, é importante destacar que os primeiros autorretratos produzidos pelas crianças algumas trabalham somente o seu rosto, e seus elementos. Mas sondando a turma, percebo nessas experimentações, que algumas crianças não se assenhoreiam somente as imagens de rosto, desenham o corpo todo, como nas

fotografias tradicionais. E acredito ser importante enfatizar também essas construções.

A fotografia abaixo parte de uma ilustração extraída em umas das aulas de Artes Visuais que representa uma das imagens do arquivo pessoal, o desenho de Mel (04 anos), aluna da Educação Infantil, a produção do seu autorretrato.



Figura 1. Foto – Extraída da Aula de Artes
(Foto: CIEP - E. I. -Mel (04 anos), arquivo pessoal)

Durante as pesquisas de campo na turma de Educação Infantil, a menina Mel, foi a primeira criança a fazer o seu autorretrato. Mel é uma menina negra que se desenhou sem pintar os espaços em branco do rosto. No entanto, afirmou-se negra. No caderno de campo ficou assim registrado o diálogo:

Mel: - Professora, acabei!

Pesquisadora: - você não vai colorir?

Mel: - Já fiz, olha aí... sou preta.

A seguir vemos o desenho de Maria, uma menina branca, e sua percepção sobre sua identidade étnico-racial.



Figura 2. Foto – Extraída da Aula de Artes

(Foto: CIEP - E. I. - Maria (04 anos)

Maria: - Olha o meu desenho! **Tá** bonito!

Pesquisadora: - Está Maria!

Maria: -Eu sou branca.

Pietro: - Mas você não tem olhos vermelhos.

Situações como estas acima, mostram como as crianças se reconhecem, mas assim como, permitido na produção de um autorretrato contemporâneo, podem mudar até mesmo traços da realidade, mas guardam ainda em essência algumas características vistas no espelho. Segundo Canton (2004, p.3791), ao abordar práticas contemporâneas de autorretratos, salienta a inclinação dos artistas para “brincarem” com a própria imagem. Dessa forma, o artista projeta-se no autorretrato com liberdade para fazê-lo como desejar. Percebo que naturalmente, Maria brinca com a sua imagem e potencializa, o seu autorretrato. Assim como Mel, que se retrata de corpo inteiro. Em qualquer circunstâncias, é preciso compreender que as artes visuais extrapolam o caráter figurativo. Em certa medida, “minha identidade enquanto sujeito contemporâneo também não se limita ao que minha aparência mostra” (CANTON, 2004, p.3791). Toda identidade é uma construção biopsicossocial com caráter político. No contexto da pesquisa acerca das produções visuais infantis, nós percebemos que cada criança, quando se desenha, aprende um pouco mais de si, e percebe-se naquele momento com outros olhares. O que já é conhecido assume novas maneiras de se conhecer. O espelho é uma estratégia que pode ajudar no esforço de produção da imagem de si e numa revisitação crítica. O que foi uma hipótese, ainda longe de ser concluída. Mas, uma possibilidade para pensarmos os caminhos de escuta das crianças sobre as relações étnico-raciais e identidade negra. Adiante vamos observar alguns desenhos de crianças da Educação Infantil e tecer breves considerações. Essas atividades ocorreram numa escola pública da rede municipal do Rio de Janeiro de agosto a setembro de 2017.

Neste momento vamos apreciar o autorretrato de Pietro – um menino negro. E as impressões sobre si mesmo, com os diálogos presentes no Diário de Campo:



Figura 3. Foto – Extraída da Aula de Artes
(Foto: CIEP - E. I. - Pietro (04 anos))

Pesquisadora: - Acabou Pietro o seu retrato?

Pietro: - Olha tia! O meu cabelo ficou bonito.

Como destaca Pietro, em suas vozes, esse atribui extrema importância aos seus cabelos, ele é negro e tem os cabelos crespos. E pensando a partir das preposições de Pietro, vemos que os cabelos também podem ser representações de sua identidade. “O resquício narcísico presente nos autorretratos contemporâneos pode não ser o que suplanta outras questões, mas uma autoexposição que parte do particular, mas é subjacente a outras questões.” (CANTON, 2004, p.379). Podemos perceber que Pietro gosta muito de seus cabelos, é um menino vaidoso. Porém, não afirmou cor/raça. A imagem abaixo é o desenho de Luíza, o seu autorretrato:

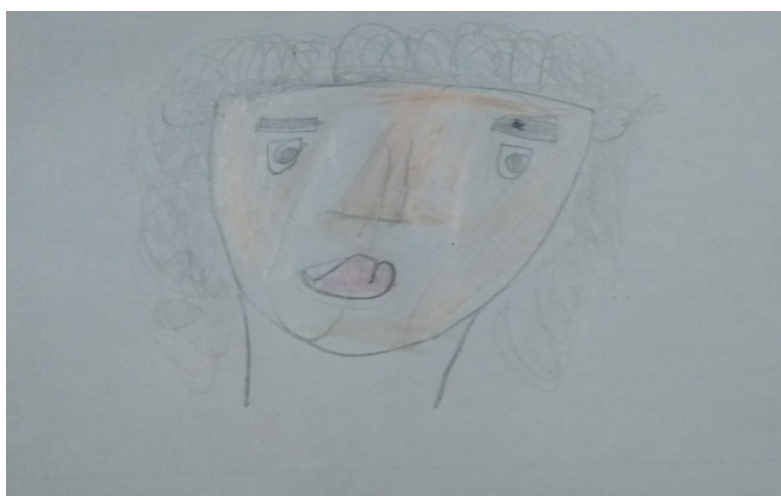


Figura 3. Foto – Extraída da Aula de Artes
(Foto: CIEP - E. I. - Luíza (04 anos e 11 meses))

Eu quero fazer o meu rosto grande...

Pesquisadora: Por quê Luíza?

_ Para mostrar que o meu cabelo,

É enroladinho e grande.

Luíza se diverte ao ver sua imagem refletida no espelho. Olha a professora e conclui radiante:“- Eu sou Linda! Mas queria ser da tua cor”. O que ajuda a entender como as ações que venham provocar essas outras expressões, e isso demonstra a relevância desta pesquisa que desde a educação infantil prezam que as questões raciais devem ser abordadas

CONCLUSÕES PARCIAIS

“Os processos identitários, sabe-se, são estritamente ligados à própria história da humanidade. Como escreveu Calhoun, não conhecemos nenhum povo sem nome, nenhuma língua e nenhuma cultura que não fazem, de uma maneira ou de outra, a distinção entre “ela” e a “outra”, entre “nós” e “eles” (CASTELLS, 1996, p. 16).

Neste sentido, vemos que a invisibilidade negra é um problema, uma situação muito preocupante no processo de produção de identidade de crianças negras. No contexto escolar da Educação Infantil, constatamos parcialmente numa pesquisa focada em autorretratos que as crianças negras nem sempre ressaltam sua identidade étnico-racial; enquanto as crianças brancas afirmam com mais frequência e orgulho o seu “pertencimento” racial. Este breve relato de uma pesquisa em sua fase inicial dá uma dimensão de como a opressão racial sofrida por crianças num contexto de Educação Infantil pode ser detectada através da técnica do autorretrato. O que justifica a produção de estudos que façam intersecção entre Educação das Relações Étnico-raciais, Estudos da Infância e Artes Visuais. É desse triplo encontro que podemos tratar de uma incursão de pesquisa em que o autorretrato que faz parte da linguagem das Artes Visuais pode aparecer como uma estratégia para escutar as crianças.

O conceito raça não é exclusivo dos estudos com crianças negras, ele é também importante para entendermos os processos pelos quais crianças brancas constituem-se e são constituídas. Apesar de Regina Pinto (1987) afirmar que os estudos sobre criança negra abordam a socialização das crianças brancas, à medida que “se percebe uma preocupação com os efeitos das representações estereotipadas do negro, dos preconceitos, não só na criança negra, mas também na branca” (p. 44), entendemos que este tema continua sendo pouco abordado nos estudos das relações raciais. (NUNES, 2016, p.389).

Nosso interesse é dialogar com as crianças negras e brancas, ouvir através do autorretrato como essas relações étnico-raciais estão sendo produzidas e de que modo se constituem e são constituídas. De que maneira as instituições têm sugerido às crianças negras um lugar subalterno e um desejo de negação, enquanto para as brancas: afirmação e orgulho. Nossa escolha para fazer um debate denso, delicado e necessário foi lançar mão das potências das artes, especialmente do autorretrato e congêneres, optamos por fazer algo através desta prática artística de autorretratar-se. Talvez, quando as crianças negras se autorretratam num misto de negação e

afirmação, podemos compreender algo não dito sobre a sociedade brasileira e que tipo de infâncias precisamos refletir.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. “A identidade racial em crianças pequenas”. In BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades CEERT, 2012. P. 98-117.

CARTER, R. *Capitalism, Class Conflict and the New Middle Class*. 3 ed. ... 34-51, 1994.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HAAL, Stuart. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAAL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7ª edição – São Paulo. 2005.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

_____. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

NOGUERA, Renato. “Sobre Afroperspectivismo”. *ENTREVISTA*. Revista Ensaios Filosóficos. Volume X, dezembro de 2014

_____. “Kiriku: heterônimo da infância como experiência e da experiência da infância. *Anais do Congresso de Estudos da Infância: Diálogos Contemporâneos*, Rio de Janeiro: Uerj, 2017b, pp. 363-370.

NUNES, Mighian. “Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu” In **Latitude**, Vol. 10, nº 2, pp. 383-423, 2016.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno Momoli. “Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade” In **Revista Educação, Artes e Inclusão**, V. 11, N. 1 (2015), pp.51-73.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar** In CRUZ, Sílvia Helena Vieira. *A criança fala, a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

TRINIDAD, C. T. Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil. **Tese de doutorado**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-078-0

